

Apresentação da tradução do Prefácio de 1967 de “Prefácio à edição francesa de “O Homem Unidimensional”¹

Estrutura Temática do Prefácio de 1967 de “O Homem Unidimensional” de Herbert Marcuse²

Alberto Dias Gadanha²

A. Introdução:

Conforme a nossa compreensão da obra “O homem Unidimensional” como uma exposição da História da Filosofia Contemporânea a partir do distanciamento da filosofia de um pensamento negativo, o Prefácio de 1967 tem a partir de nossa leitura como tese principal a asserção de que diante do sistema de produtividade destrutiva de valores essenciais humanos, como a Razão e a Liberdade; a Filosofia Crítica procura as razões dessa destruição sistêmica e ainda e mais importante, as possibilidades de se organizar uma sociedade fundada na solidariedade Humana.

A Estrutura Temática do Prefácio de 1967 está composta de Tema Geral, Temas e Subtemas, conforme o mostra o Gráfico 1:

1. TEMA GERAL é a conclusão obtida pela capacidade de síntese do leitor após todo o processo de leitura, de análise das especificidades e da angústia em construir um significado, o mais adequado à palavra-primeira, ao logos do texto, ao que é expresso pelo autor do texto. Em sequência serão apresentados na ordem do processamento os elementos que permitirão a conclusão num Tema Geral.
2. Palavras-chave. Levantamento das palavras-chave, dos conceitos ou ideias utilizadas no texto, conforme Gráfico 5: “Palavras-chave referentes a cada um dos parágrafos”.
3. Itens dos Subtemas. Exposição das afirmações encontradas nos parágrafos, afirmações construídas a partir das palavras-chave no cenário apresentado pelo autor no parágrafo. As asserções construídas pelo autor aparecem nesta estrutura como os itens subordinados aos subtemas, (exemplo 1.1.1.).
4. Subtema. O significado da compreensão totalizante das asserções a que se refere o item 3. será denominado nesta estrutura de “Subtema”, (ex. 1.1.). Por coincidência, favorecida pelo ascetismo do autor do texto, cada parágrafo pareceu sintetizar uma definição explícita, uma afirmação singular, uma particularidade que aqui no “Prefácio de 1967” aparece como reflexo de elemento que fora destacado na própria obra “O Homem Unidimensional” de 1964. Os “Subtemas” devem expor a afirmação significativa do conteúdo de um parágrafo. Somente o subtema 2.1. sintetizou o conteúdo de dois parágrafos, o 4º§ e o 5º§, síntese propiciada pela exigência da integração dos elementos constitutivos do conceito de “libertação”, a saber, seu princípio, seu processo e seu fim. A partir de um pressuposto sistêmico que contempla três dos significados de causa que nos ensinou Aristóteles: a causa material, o princípio da libertação conforme o § 5; seu processo, a causa eficiente e a causa final, o objetivo

295

¹ Herbert Marcuse «L'Homme unidimensionnel, Études sur l'idéologie de la société industrielle» Traduit de l'anglais par Monique Wittig et l'auteur - 1968 - Collection Arguments , 288 pages. Tradução de Dr. Alberto Dias Gadanha (UECE) , Djibril Ernesto Pereira (Mestrando em filosofia/UFC) e René Ivo da Silva Lima (Mestrando em filosofia/UFC). Tradução publicada com permissão de Peter Marcuse, Executor Testamentário da Propriedade Intelectual de Herbert Marcuse, cujo consentimento é necessário para qualquer publicação futura.

² Doutor em filosofia (Programa interinstitucional da UFPB, UFRN e UFPE) e professor do departamento de filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenador do Grupo de pesquisa Atualidade do pensamento político de Herbert Marcuse (GP-MARCUSE/UECE)

da libertação como nos solidifica Marcuse no parágrafo 4. Esses três elementos aparecem em dois parágrafos, por isso foram sintetizados em só subtema, o 2.1. referente aos parágrafos 4 e 5).

5. Tema. Os temas compreenderão, sintetizarão, os parágrafos cujos conteúdos específicos terão um significado aglutinador, um significado comum. Esta etapa da construção temática depende da capacidade de compreensão do leitor, o critério de sua eficiência é se o leitor conseguiu construir a partir dos parágrafos, com suas palavras, os temas fundamentais para a construção do Tema Geral.

B. Sumário da Estrutura Temática do PREFÁCIO-1967 de "O HOMEM UNIDIMENSIONAL de Herbert Marcuse"

Tema Geral: Diante do Sistema de Produtividade Destrutiva dos valores essenciais humanos, como a Razão e Liberdade; a Filosofia Crítica procura as razões dessa destruição sistêmica e ainda e mais importante, as possibilidades de se organizar uma Sociedade fundada na Solidariedade Humana.

1. Liberdade Administrada e Repressão Instintiva tornam-se fontes renovadas da Produtividade Agressiva.

1.1. SOCIEDADE FECHADA: Contradição Total à Essência da Palavra e da Ação Humanas - (§ 1)

1.1.1. Administração e Controle: Disciplina, integra as dimensões da existência pública e privada

1.1.2. Produtividade destrutiva: objetivo= Valor de Troca, não Valor de Uso

1.1.3. As Forças de Controle assimilam os Elementos Explosivos do Inconsciente

1.1.4. Forças e Interesses Opostos são Controlados e Convertidos em Fator de Coesão e Afirmação

1.1.5. Os indivíduos e as classes aceitam e reproduzem a repressão suportada - (mímesis)

1.1.6. O Processo de Integração se dá sem terror, a Democracia consolida a Dominação

1.2. O SISTEMA DAS MERCADORIAS exporta a sua forma de vida e seus valores. (§2)

1.2.1. Não - Liberdade e Repressão Funcional

1.2.2. Não há mais distinção conceitual entre "negócios e política", "lucro e prestígio", "necessidade e publicidade"

1.2.3. Relações libidinais com os agressivos engenhos motorizados e com a estética falsa dos shoppings

1.3. Perpetuação do Sistema de Não-Liberdade e Repressão (§3)

1.3.1. Reificação Total e Feitichismo Total da Mercadoria

1.3.2. Quantidade de Mercadorias dificulta o rompimento com essa forma de vida

1.3.3. Formas de Racionalização e Interiorização da Repressão.

2. Alteração da Libido em Valor de Troca, negação de uma Sociabilidade em que a Libertação é seu princípio, meio e fim.

2.1. Necessidades Instintivas por Libertação, mediadas e imediatas (§§ 4/5)

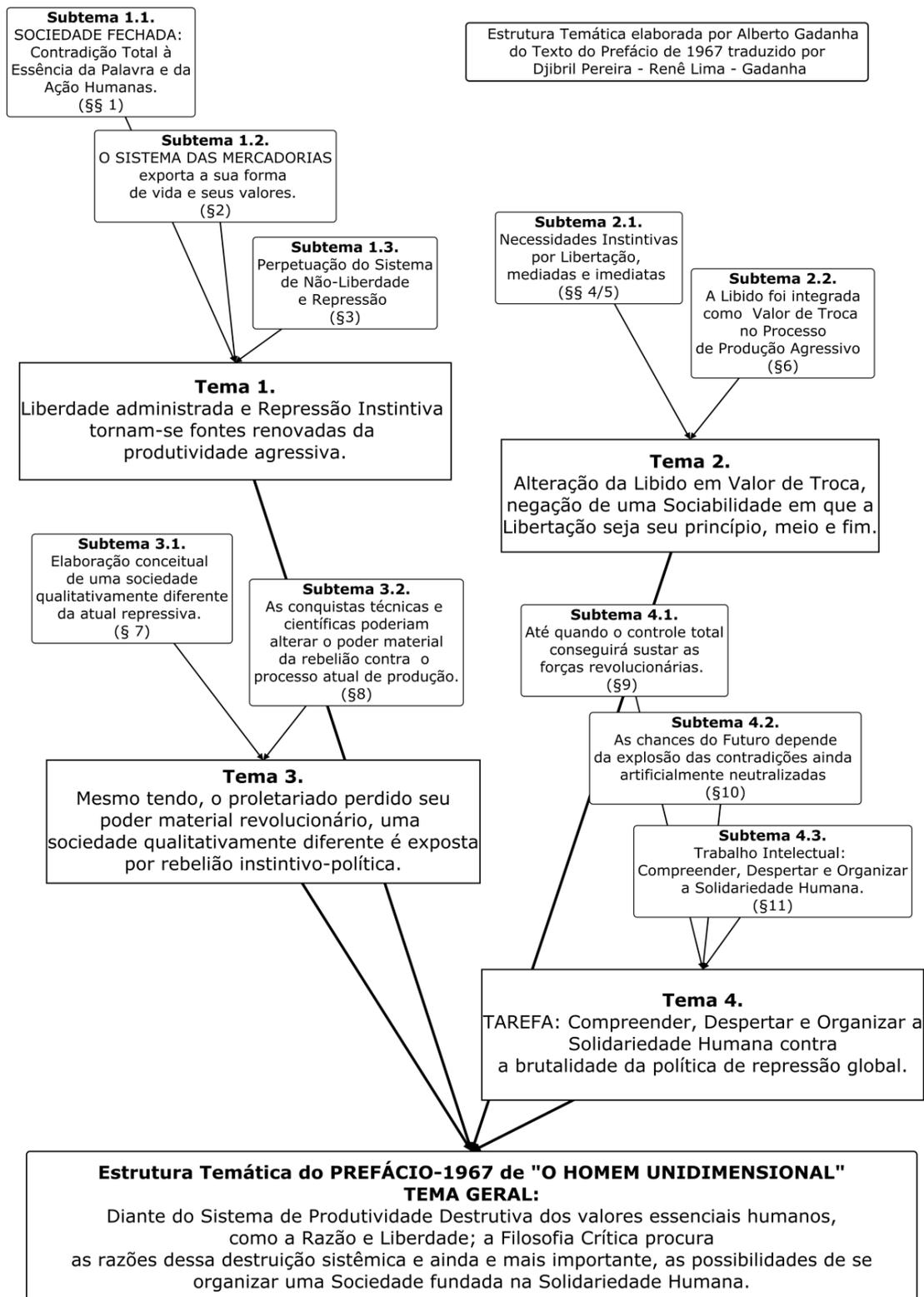
2.1.1. Princípio: Libertação começa como necessidade não-sublimada (§5)

2.1.2. Meio: Ao progredir até esse fim, a própria Liberdade é necessidade instintiva. (§4)

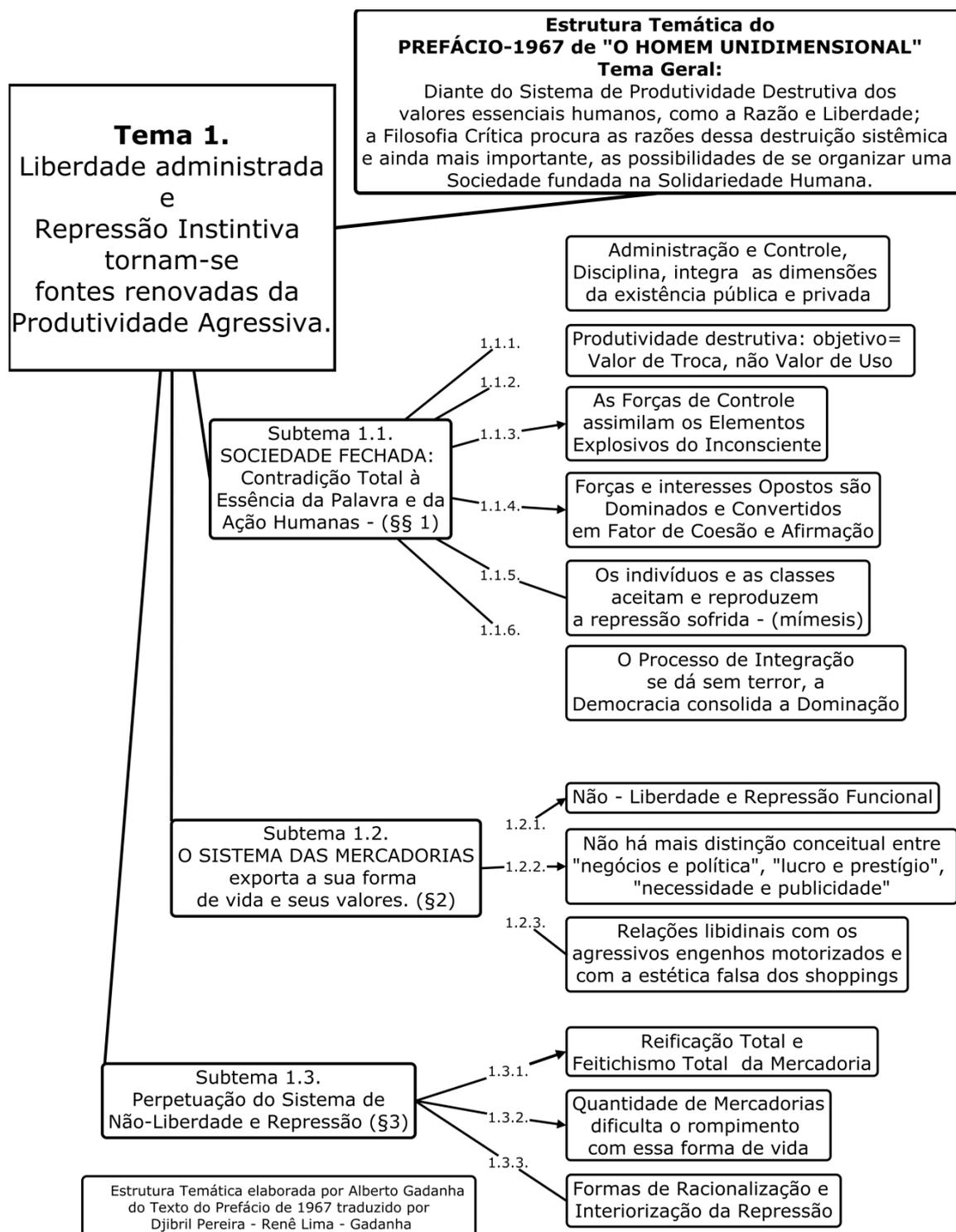
- 2.1.3. Fim: A melhor satisfação das necessidades. (§4)
- 2.2. A Libido foi integrada como Valor de Troca no Processo de Produção Agressivo (§6)
- 2.2.1. Instinto de vida, Liberdade não-sublimada, exige uma liberdade política social.
- 2.2.2. Direcionamento da energia erótica à sensualidade genital
- 2.2.3. Impedimento da Transcendência de Éros.
- 3. Mesmo tendo, o proletariado perdido seu poder material revolucionário, uma sociedade qualitativamente diferente é exposta por rebelião instintivo-política.**
- 3.1. Apresentação Conceitual de uma sociedade qualitativamente diferente da atual repressiva. (§ 7)
- 3.1.1. Eis uma Rebelião instintivo-política da juventude contra a sociedade da abundância, (mas sem poder material, §8.)
- 3.1.2. A dimensão profunda desta luta contra o sistema compensará seu caráter difuso e sua debilidade numérica.
- 3.1.3. Administração Repressiva mutila o organismo e ativa a agressão.
- 3.1.4. Cooperação e solidariedade, diferenças qualitativas da transcendência política, própria da energia erótica.
- 3.1.5. Pelo Princípio de Realidade da Paz, a vida torna-se seu próprio objetivo, tornar-se felicidade.
- 3.1.6. O princípio da paz libertaria a base biológica dos valores estéticos.
- 3.1.7. Os valores estéticos, negação determinada dos valores dominantes.
- 3.2. As conquistas técnicas e científicas poderiam alterar o poder material da rebelião contra o processo atual de produção. (§8)
- 3.2.1. O sistema está mobilizado contra a interrupção de suas necessidades afirmativas.
- 3.2.2. O poder material está ligado ao sistema de necessidades, não mais sob o controle operário.
- 3.2.3. Os especialistas em sistemas poderiam ser os herdeiros históricos do proletariado.
- 3.2.4. A modificação da mentalidade desses beneficiados bem remunerados seria um milagre de lucidez.
- 4. TAREFA: Compreender, Despertar e Organizar a Solidariedade Humana contra a brutalidade da política de repressão global.**
- 4.1. Até quando o controle total conseguirá sustar as forças revolucionárias. (§9)
- 4.1.1. Contradição entre o caráter social das forças produtivas e sua organização particular.
- 4.1.2. Contradição quanto à utilização destrutiva da riqueza social.
- 4.1.3. A neutralização, absorção das forças realizadoras, é próprio do processo vigente de produção.
- 4.2. As chances do Futuro dependem da explosão das contradições ainda artificialmente neutralizadas (§10)
- 4.2.1. Capacidade de Rendimento do Sistema dá Suporte POLÍTICA DE REPRESSÃO GLOBAL.
- 4.2.2. Reviravolta na Evolução do Sistema Capitalista devido à exposição do Vietnam e à Rebelião Juvenil.
- 4.2.3. POLÍTICA DE REPRESSÃO GLOBAL Crime contra a Humanidade, posta à prova.

- 4.2.4. Reviravolta do Sistema expõe uma coincidência entre fatores objetivos e subjetivos.
- 4.2.5. A possibilidade do futuro depende de cessar a expansão da produção destrutiva.
- 4.3. Trabalho Intelectual: Compreender, Despertar e Organizar a Solidariedade Humana. (§11)
 - 4.3.1. Solidariedade fator decisivo, contra a produtividade integradora do capitalismo.
 - 4.3.2. Contra-Movimento Global para enfrentar o Crime Global contra a Humanidade.
 - 4.3.3. Compreensão e Organização da Solidariedade contra a brutalidade e a exploração inumanas.

C. Gráfico 1. Tema Geral, Temas e Subtemas da Estrutura Temática.



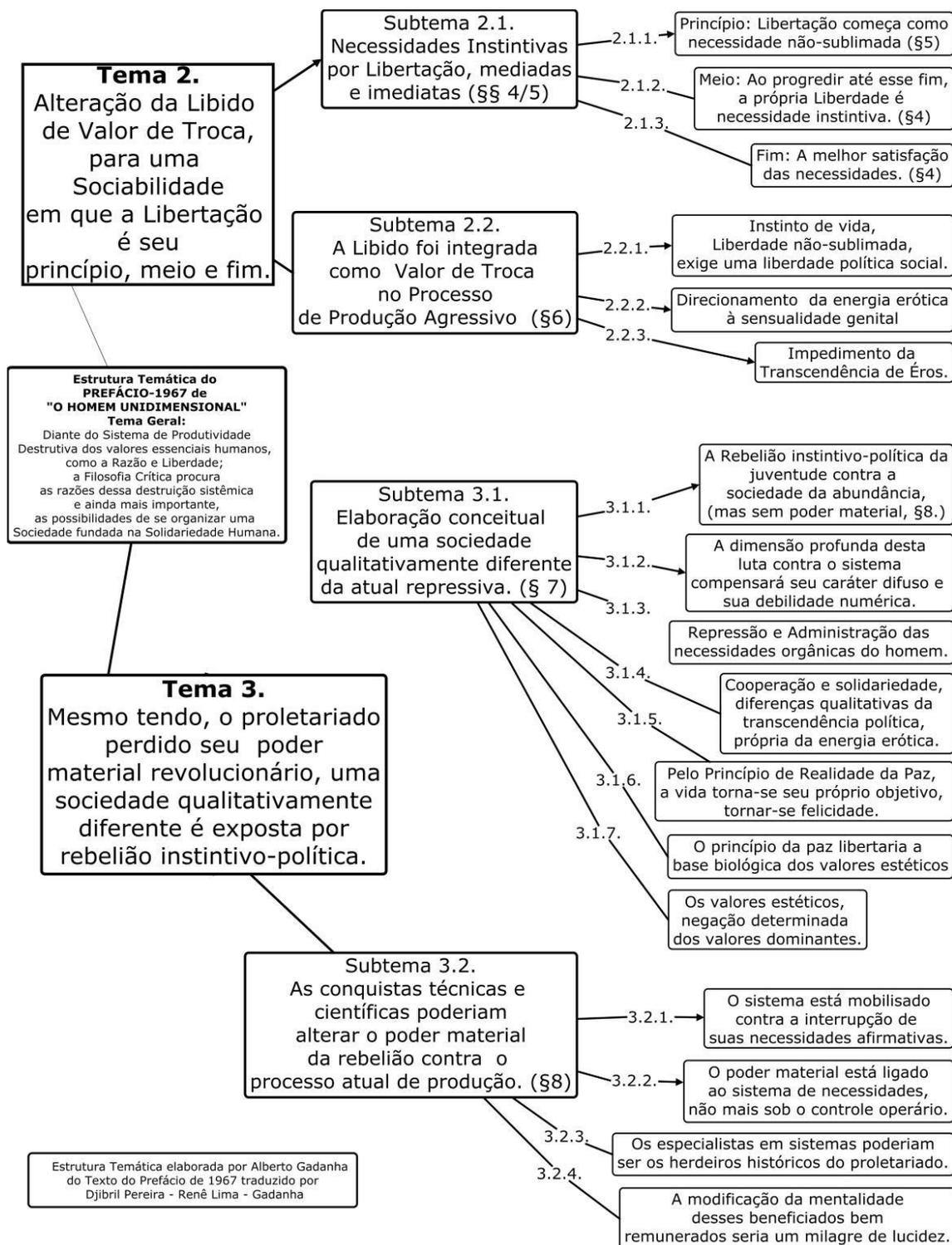
D. Gráfico 2. Tema 1. Liberdade Administrada e Repressão Instintiva tornam-se fontes renovadas da Produtividade Agressiva.



E. Gráfico 3.

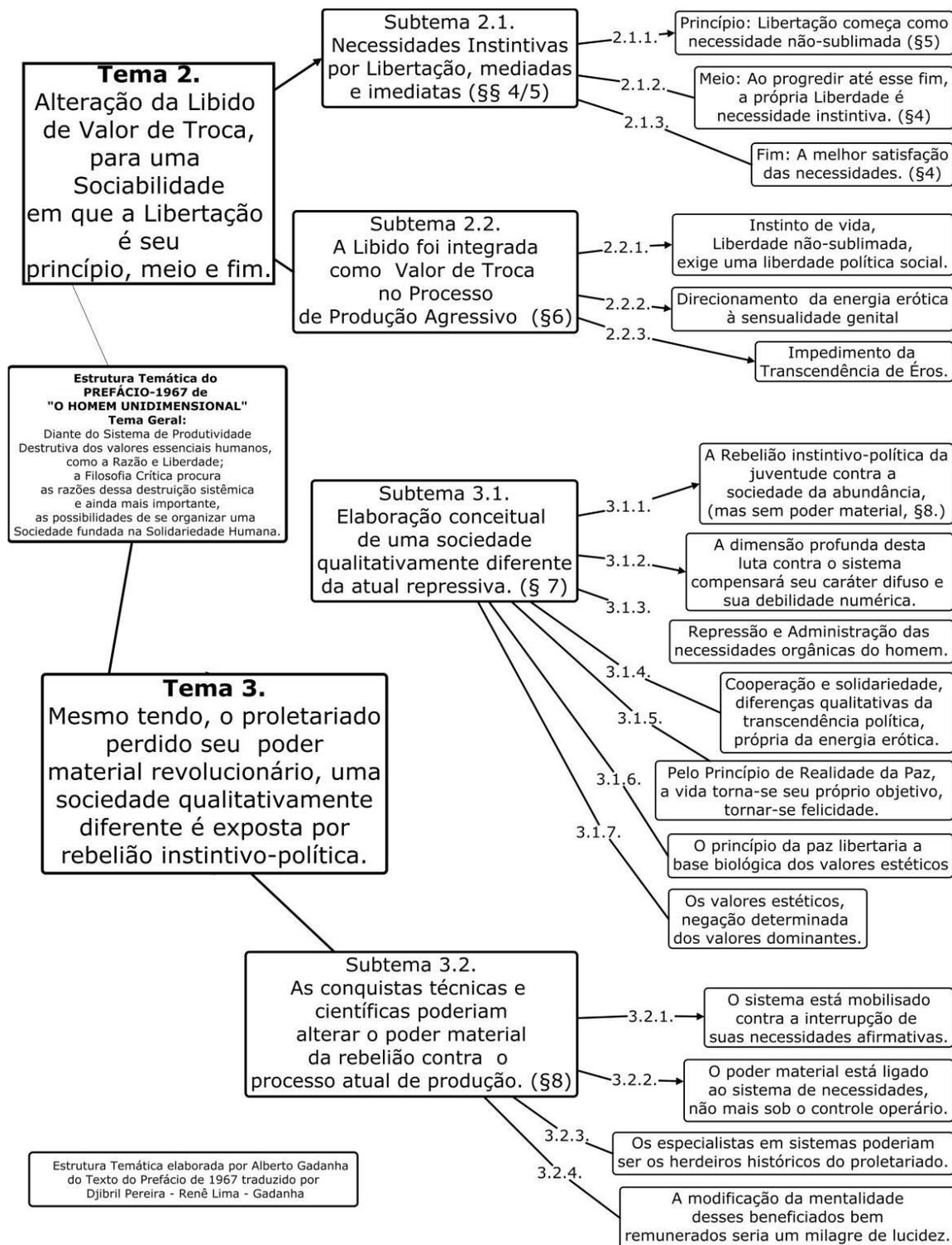
Tema 2 Alteração da Libido em Valor de Troca, negação de uma Sociabilidade em que a Libertação é seu princípio, meio e fim.

Tema 3. Mesmo tendo, o proletariado perdido seu poder material revolucionário, uma sociedade qualitativamente diferente é exposta por rebelião instintivo-política.



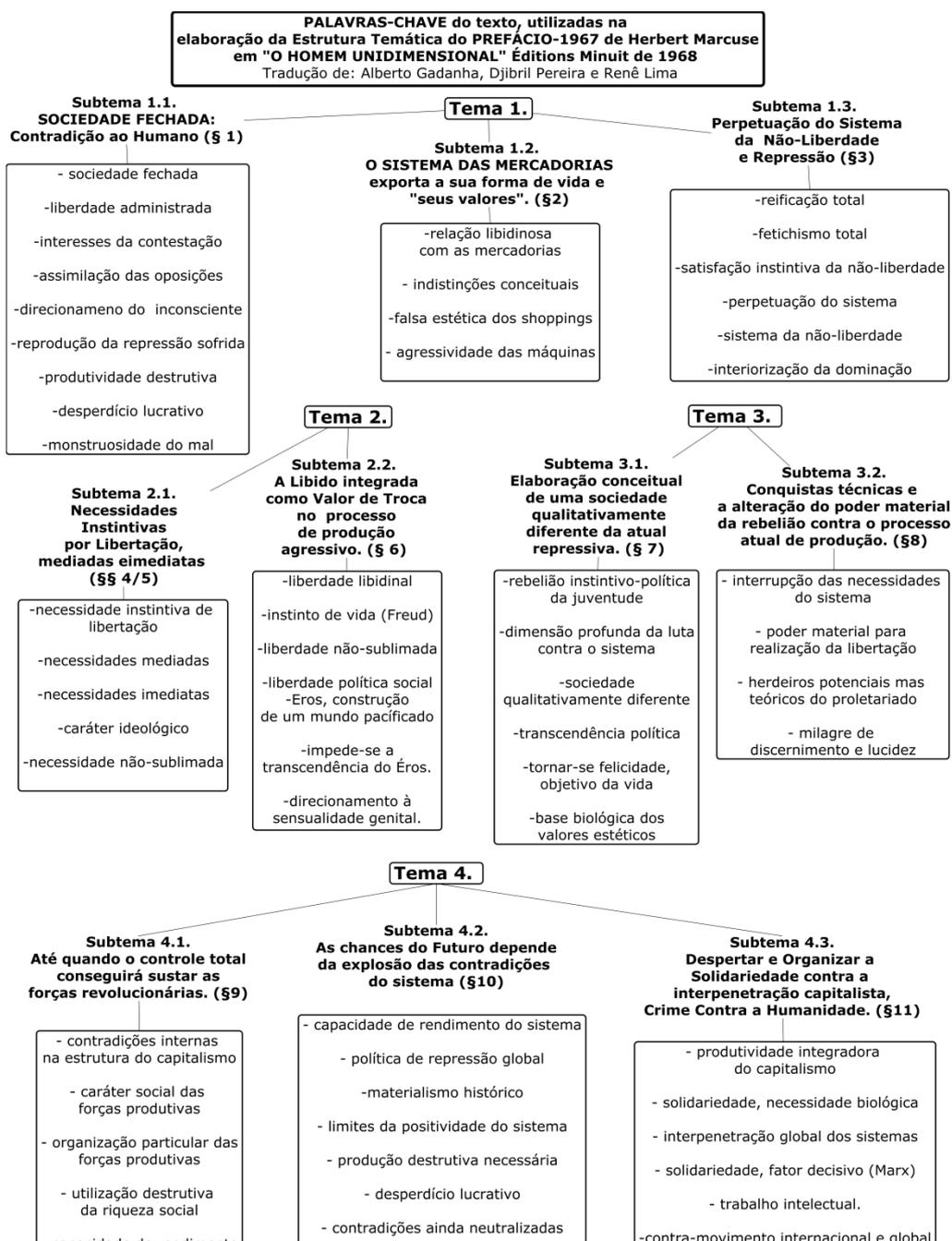
F. Gráfico 4.

Tema 4. TAREFA: Compreender, Despertar e Organizar a Solidariedade Humana contra a brutalidade da política de repressão global.



G. Gráfico 5.

Palavras-Chave referentes a cada um dos parágrafos.



HERBERT MARCUSE

**Prefácio de Fevereiro de 1967
À edição francesa de “O Homem Unidimensional”**

Analisei neste livro algumas tendências do capitalismo americano que conduzem a uma "sociedade fechada" - fechada porque ela disciplina e integra todas as dimensões da existência, privada e pública. Dois resultados desta sociedade são de uma importância particular: a assimilação das forças e dos interesses opostos num sistema que, nas etapas anteriores do capitalismo, já se opuseram; e a administração e a mobilização metódicas dos instintos humanos, o que torna assim os elementos explosivos e "anti-sociais" do inconsciente, socialmente dirigíveis e utilizáveis. O poder do negativo, amplamente incontrolado nos estágios do desenvolvimento anterior da sociedade, é dominado e torna-se um fator de coesão e de afirmação. Mais que nunca os indivíduos e as classes reproduzem a repressão sofrida. Porque o processo de integração acontece, essencialmente, sem terror aberto: a democracia consolida a dominação mais firmemente que o absolutismo; liberdade administrada e repressão instintiva tornam-se fontes sem cessar, renovadas, da produtividade. Sobre tal fundamento a produtividade torna-se destruição, destruição que o sistema pratica "verso ao exterior" em escala planetária. Na destruição desmedida, do Vietnã, do homem e da natureza, do habitat e da nutrição, correspondem o desperdício lucrativo das matérias primas, dos materiais e forças de trabalho, o envenenamento, igualmente lucrativo da atmosfera e da água na rica metrópole do capitalismo. A brutalidade do neo-socialismo tem sua contrapartida na brutalidade metropolitana: na rudeza das estradas e nos estádios, na violência da palavra e da imagem, na impunidade da política, que ultrapassou de muito a linguagem orweliana, nos maltratos não punidos - e até no assassinato impune - daqueles que se defendem... A frase sobre a "banalidade do mal" chegou a revelar-se desde há muito tempo como sem sentido: o mal se mostra na nudez de sua monstruosidade como contradição total à essência da palavra e da ação humanas.

A sociedade fechada em seu interior se abre para o exterior pela expansão econômica, política e militar. É mais ou menos uma questão de semântica saber se esta expansão é do imperialismo ou não. Ali igualmente, é a totalidade que está em movimento: nesta totalidade a distinção conceitual entre os negócios e a política, o lucro e o prestígio, as necessidades e

a publicidade, não é mais de modo algum possível. Se exporta um "modo de vida" ou este mesmo se exporta na dinâmica da totalidade. Com o capital, os computadores e o saber fazer (know how) aportam os outros "valores": relações libidinosas com a mercadoria, com as agressivas máquinas motorizadas, na estética falsa do supermercado.

Não é o materialismo desta forma de vida que é falso, mas a não liberdade e a repressão que ela encobre: reificação total no fetichismo total da mercadoria. Torna-se cada vez mais difícil de romper esta forma de vida na qual a satisfação aumenta em função da quantidade de mercadorias. A satisfação instintiva no sistema da não-liberdade auxilia o sistema a se perpetuar. Tal é a função social do nível de vida crescente nas formas racionalizadas e interiorizadas da dominação.

A melhor satisfação das necessidades é certamente a tarefa e o objetivo de toda libertação, mas, ao progredir em direção a tal objetivo, a própria liberdade deve tornar-se uma necessidade instintiva e, enquanto tal, deve mediar as demais necessidades, tanto as necessidades mediadas quanto as necessidades imediatas.

É necessário suprimir o caráter ideológico e empoeirado desta reivindicação: a libertação começa com a necessidade não sublimada, ali onde ela foi inicialmente reprimida.

Enquanto tal ela é libidinal: Eros enquanto “instinto de vida” (Freud), contra-força primitiva oposta à energia instintiva agressiva e destrutiva e à sua ativação social. É no instinto de liberdade não-sublimada que mergulham as raízes da exigência de uma liberdade política social; exigências de uma forma de vida em que a própria agressão e a destruição sublimadas estarão a serviço do Eros, a saber, à construção de um mundo pacificado. Séculos de repressão instintiva cobriram este elemento político de Eros: a concentração da energia erótica na sensualidade genital impede a transcendência do Eros para outras “zonas” de corpo e para seu meio ambiente, ela impede a sua força social revolucionária e formadora. Ali onde hoje a libido é desenvolvida como uma tal força, ela deve servir ao processo de produção agressivo e suas exigências: ela se integra como valor de troca. Em toda parte reina a agressão da luta pela existência: em escala individual, nacional, internacional, esta agressividade determina o sistema de necessidades.

Por isso, é de uma importância que excede em muito os efeitos imediatos, que a oposição da juventude contra a “sociedade da abundância” liga rebelião instintiva e rebelião

política. A luta contra o sistema, que não é conduzida por nenhum movimento de massas, que não é impulsionada por nenhuma organização efetiva, que não é dirigida por nenhuma teoria positiva, ganha com esta ligação uma dimensão profunda que compensará, pode ser um dia, seu caráter difuso e a debilidade numérica desta oposição. O que se busca aqui – sua elaboração conceitual que só está num estado de lenta gestação –, isto não é mais nem outra coisa do que uma sociedade fundada sobre outras relações de produção (mesmo que tal transformação da base permaneça como condição necessária da libertação): trata-se de uma sociedade na qual as novas relações de produção, e a produtividade desenvolvida a partir das mesmas, sejam organizadas pelos homens cujas necessidades e metas instintivas seja a “negação determinada” daquelas que reinam na sociedade repressiva; assim, as necessidades não-sublimadas, qualitativamente diferentes, darão a base biológica sobre a qual poderão ser desenvolvidas livremente. A diferença qualitativa se manifestaria na transcendência política da energia erótica, e a forma social desta transcendência seria a cooperação e a solidariedade no estabelecimento de um mundo natural e social que, ao destruir a dominação e a agressão repressiva, se colocaria sob o princípio de realidade da paz; somente com ele a vida pode tornar-se seu próprio objetivo; isto é, tornar-se felicidade. Um princípio como este de realidade libertaria também a base biológica dos valores estéticos, porque a beleza, o repouso, a harmonia, são necessidades orgânicas do homem cuja repressão e a administração mutilam o organismo e ativam a agressão. Os valores estéticos são igualmente, enquanto receptividade da sensibilidade, negação determinada dos valores dominantes: negação do heroísmo, da força provocadora, da brutalidade, da produtividade acumuladora do trabalho, da violação comercial da natureza.

As conquistas da ciência e da técnica tornaram teoricamente e socialmente possível a interrupção de necessidades afirmativas, agressivas. Contra esta possibilidade, é o sistema enquanto totalidade que está mobilizado. Na oposição da juventude, rebelião ao mesmo tempo instintiva e política, a possibilidade da libertação é atingida, mas lhe falta, para que ela se realize, o poder material. Este não pertence não mais à classe operária que, na sociedade de abundância, está ligado ao sistema de necessidades, mas não a sua negação³.

³ Bem entendido existe igualmente uma oposição no interior da classe operária americana: contra as condições de trabalho, contra o trabalho parasitário, embrutecimento, contra a hierarquia nas fábricas, contra a queda de qualidade. Mas, esta oposição está isolada do contra-movimento político, tanto no interior dos Estados Unidos

Seus herdeiros históricos seriam mais estas categorias que de um modo crescente, ocupam as posições de controle no processo social de produção, e que o podem parar mais facilmente, a saber os sábios, os técnicos, os especialistas, os engenheiros, etc. Mas estes não são mais que herdeiros muito potenciais e muito teóricos, porque eles são ao mesmo tempo os beneficiários bem remunerados e satisfeitos do sistema; a modificação de sua mentalidade constituiria um milagre de discernimento e de lucidez.

Esta situação significa que o sistema do capitalismo em seu conjunto esteja imunizado contra qualquer mudança? Me acusaram de negar a existência de contradições internas na estrutura do capitalismo. Creio que meu livro mostra tão claramente que estas contradições, ainda existem, e tornaram-se até mais fortes, mais gritantes do que nos estágios anteriores do desenvolvimento. As contradições tornaram-se totais. Sua forma mais geral, a contradição entre o caráter social das forças produtivas e sua organização particular, entre a riqueza social e sua utilização destrutiva, determina esta sociedade em todas as dimensões e em todos os aspectos da sua política. Nenhuma contradição social, entretanto, mesmo a mais forte, explode-se “por si mesma”: a teoria deve poder mostrar e avaliar as forças e os fatores objetivos. Tentei mostrar no meu livro que a neutralização ou a absorção das forças realizadoras - que operam nos domínios tecnicamente mais desenvolvidos do capitalismo - não é somente um fenômeno superficial, mas nasce do próprio processo de produção, sem modificar sua estrutura fundamental capitalista. A sociedade existente conseguirá conter as forças revolucionárias, por tanto tempo que ela conseguirá produzir cada vez mais “manteiga e canhões” e zombar da população com a ajuda de novas formas de controle total.

Esta política de repressão global, de que depende a capacidade de rendimento do sistema, está cada vez mais posta duramente à prova. Em todo caso, a guerra no Vietnam tomou tais proporções que elas podem fazer dela uma reviravolta na evolução do sistema capitalista. Por duas razões: Primeiro, o excesso de brutalidade, de agressão, de mentira a que o sistema teve de recorrer para assegurar sua estabilidade, atingiu uma medida tal que a

quanto internacionalmente. Somente uma tal solidariedade poderia visar à totalidade do sistema. Tanto que subsiste o isolamento, - muitas vezes efetivamente organizado -, a oposição da classe operária permanece "economista", isto é, permite o controle da administração do sistema. Deste modo, o sistema pode "administrar" toda a oposição.

positividade do existente encontra aí seu limite: o sistema em seu conjunto, revela-se ser este “crime contra a humanidade” que está localizado particularmente no Vietnã. Em segundo, a aparição do limite está igualmente visível, pelo fato que, pela primeira vez em sua história, o sistema encontra forças resistentes que não são “de sua própria natureza”; estas forças não o liberam de um combate competitivo para a exploração em seu próprio terreno, mas significam em sua própria existência, em suas necessidades vitais, a negação determinada do sistema contestando-o e combatendo-o como um todo. É aqui que reside a coincidência de fatores objetivos e de fatores subjetivos da reviravolta. E, como não há mais para o sistema capitalista um verdadeiro “exterior” – se bem que mesmo o mundo comunista determinante e contra-determinante está compreendido na economia e a política capitalista –, a resistência da FNL, é de fato, a contradição interna que explode. O fato de que os homens, os mais pobres da terra, apenas armados, tecnicamente os mais atrasados, ponham em cheque –, e isso durante anos – a máquina de destruição, a mais evoluída tecnicamente, a mais eficaz, a mais destruidora de todos os tempos, permanece um sinal histórico-mundial, mesmo que estes homens sejam enfim derrotados, o que é verossímil, uma vez que o sistema de repressão da “sociedade da abundância” sabe melhor que seus críticos liberais, o que está em jogo e que está pronto para operacionalizar todas suas forças. Estes “condenados da terra”, estas pessoas as mais frágeis sobre os quais pesa toda a carga do sistema, existem em todo lugar: são populações inteiras, eles não têm nada a perder, a não ser, sua própria vida, ao se sublevar contra o sistema dominante. Contudo, totalmente sós, eles não podem se libertar: contra todo romantismo, o materialismo histórico deve insistir no papel decisivo do poder material. Na situação atual, nem a União Soviética, nem a China popular parecem querer ou ser capazes de exercer uma verdadeira contra-pressão: não é o jogo aterrorizador com a “solução final” da guerra atômica, mas, no caso da União Soviética, esta pressão política e diplomática que poderia ao menos frear a agressão que se reproduziu em escala ampliada. Uma tal contra-política poderia também ativar a oposição na Europa ocidental. Há um verdadeiro movimento operário, na França e na Itália, que poderia ainda ser mobilizado porque não está ainda integrado, compassado ao sistema. Enquanto isto não se realiza, a oposição nos Estados Unidos, com todas suas fragilidades e sua falta de orientação teórica, permanece, talvez, como o único ponto precário entre o presente e seu futuro possível. A chance do futuro depende de cessar a expansão produtiva e lucrativa (política, econômica e militarmente); em

seguida poderiam explodir as contradições ainda neutralizadas no processo de produção do capitalismo: em particular, a contradição entre a necessidade econômica de uma automação progressiva desencadeadora do desemprego tecnológico e a necessidade capitalista do desperdício e da destruição sistemáticas das forças parasitárias, desencadeando o crescimento do trabalho parasitário.

A expansão que preserva o sistema, ou pelo menos o fortalece, só pode ser sustada por um contra-movimento internacional e global. Por todas as partes se manifesta a interpenetração global: a solidariedade resta como o fator decisivo, também aqui Marx tem razão. E é esta solidariedade que foi quebrada pela produtividade integradora do capitalismo e por “todo-o-poder” de sua máquina de propaganda, de publicidade e de administração. Despertar e organizar a solidariedade enquanto necessidade biológica de manter-se juntos contra a brutalidade e a exploração inumanas, esta é a tarefa. Ela começa com a educação da consciência, do saber, da observação e do sentimento que compreendem o que está para vir: o crime contra a humanidade. A justificação do trabalho intelectual reside nesta tarefa, e hoje o trabalho intelectual tem necessidade de ser justificado.

Fevereiro de 1967